O futuro da pesquisa

Antônio Paim

Resenha de **The New Production of Knowledge - The Dynamics of Science and Research in Contemporary Societies**, by Michael Gibbons, Camille Limoges, Helga Nowotny, Peter Scott Simon Schwartzman, Martin Trow. London, Sage Publications, 1994.

O Conselho de Pesquisa da Suécia desenvolveu, entre 1990 e 1993, um projeto destinado a identificar quais as principais modificações que devem ocorrer na pesquisa científica, tecnológica e de humanidades em face das transformações pelas quais vem passando a sociedade no Ocidente. O projeto contou com a colaboração da Universidade da Califórnia (Estados Unidos). Subsequentemente envolveram-se diversas instituições (entre outras as Universidades de Sussex, Inglaterra; de Viena, Áustria e de Quebec, Canadá). Os resultados constam do livro *The New Production of Knowledge. The Dinamics of Science and Research in Contemporary Societes*, 1994/1995, de que apareceu edição comercial em 1996 (London, Sage Publications). Apesar de ter contado com a colaboração de um brasileiro (Simon Schwartzman) e de sua alta significação, os responsáveis pela formulação da chamada "política científica" não produziram nenhuma demonstração de que dele tivessem tomado conhecimento. Essa demonstração de autossuficiência resulta da estrutura corporativista de que veio a revestir-se o setor e certamente vai nos custar muito caro. A breve indicação de suas principais conclusões servirá para evidenciar como estamos distante da realidade.

A primeira advertência consiste em que a pesquisa passará a depender cada vez mais das exigências do mercado e vão definir-se no contexto da aplicação. Não se trata simplesmente de considerações de ordem comercial, mas sobretudo do fato de que o conhecimento se difundiu pela sociedade, diversificando-se extremamente as demandas e expectativas. Lembro a propósito desta primeira conclusão que Peter Drucker, o

renomado teórico da administração, define-a diretamente como 'sociedade do conhecimento'.

As pesquisas terão como principal característica o que denominam de "transdisciplinariedade". O emprego do novo termo pretende indicar que não abrange apenas diversas disciplinas (interdisciplinariedade). Estando voltadas para a sociedade, tanto em termos de aplicação como de definição, são sobretudo dinâmicas, podendo englobar sucessivamente novos atores.

Deve-se esperar a ampliação do número potencial de locais onde o conhecimento pode ser criado. "Não apenas universidades e colégios, mas institutos não universitários, centros de pesquisa, agências governamentais, laboratórios industriais, 'think-tanks' e consultorias, em franca interação."

As pesquisas estarão sujeitas ao controle social. O estudo destaca que continuarão surgindo novos grupos de interesses desejosos de fazer-se representar nos órgãos decisórios da "política científica", pela crescente ingerência que a técnica e a ciência têm na vida de cada um. Aos interessados no meio ambiente agregam-se os que se preocupam com a biotecnologia e seus reflexos na medicina; os que desejam influir nos meios de comunicação, notadamente em termos de privacidade e respeito a determinada escala de valores; e os que querem opinar sobre aborto e planejamento familiar. A expectativa é de ampliação sucessiva dessa lista. O livro aborda especificamente cada um dos grandes campos de pesquisa (científica, tecnológica e de humanidades) com observações de grande pertinência. Não sendo esta a oportunidade para referi-las, quero ater-me apenas aos aspectos gerais antes enumerados.

Verifica-se que a pesquisa caminha no sentido crescente da transparência e do amplo envolvimento da sociedade, sem embargo de que os especialistas continuam como o elo inicial da cadeia. No caso brasileiro, o quadro é diametralmente oposto. Grupos fechados que a ninguém prestam contas têm domínio absoluto das instituições. O caso da pesquisa filosófica patrocinada pela Capes, que tive ocasião de referir anteriormente, é bem um exemplo do desperdício de recursos públicos, tratando-se no fundo de uma duplicação desnecessária desde que o CNPq faz a mesma coisa, ambas consumindo a parcela fundamental das verbas com os próprios funcionários. Balanço patrocinado pela PUC do

Rio Grande do Sul concluiu que todo o conjunto de publicações filosóficas é devido apenas a 10% dos professores, que muito provavelmente não contam com quaisquer estímulos, pois as bolsas e outras franquias distribuem-se cartorialmente. À luz das conclusões do estudo patrocinado pela Suécia, parece essencial promover-se o arejamento dessa área.

Antônio Paim é filósofo, professor e escritor.